

IV

O CASO VICENTE

Impossível traduzir meu contentamento com a nova companhia.

Vicente, semblante muito calmo, olhar inteligente e lícido, irradiava carinho e bondade, sensatez e compreensão.

Disse-me de sua alegria por haver encontrado um companheiro médico, alojou-me convenientemente junto dêle, demonstrando extrema generosidade fraternal.

Era o primeiro colega na profissão, igualmente recém-chegado das esferas da Crosta, de quem me aproximava de modo direto.

Trocamos idéias largamente sôbre as surpresas que nos defrontavam. Comentamos as dificuldades oriundas da ilusão terrestre, a miopia da pequena ciência, os problemas profundos e sedutores da medicina espiritual.

Vicente, conquanto não tivesse ainda qualquer visita ao plano dos encarnados, em caráter de serviço, admirava Aniceto extraordinariamente, e punha-me ao corrente dos estudos valiosos a que se entregava junto dêle.

Estava cheio de conceitos entusiásticos. Em pouco mais de uma hora, nossa intimidade semeilhava-se ao sentimento de dois irmãos unidos, desde muito, nos laços espirituais. O novo companheiro conquistara-me infinita confiança.

Evidenciando nímia delicadeza, indagou da minha posição perante os parentes terrestres, ao que respondi com a história resumida de minha sin-

gular aventura, ao conhecer as segundas núpcias de minha viúva. Imprimi tôda ênfase possível ao meu relatório verbal, sensibilizando-me, profundamente, no curso da narrativa. Em cada pormenor culminante dos fatos, detinha-me de propósito, salientando meus velhos sofrimentos e relacionando dissabores que me pareciam insuperáveis.

Vicente ouviu silencioso, sorrindo a intervalos.

Quando terminei a comovida exposição, êle pôs-me a destra no ombro e murmurou:

— Não se julgue desventurado e incompreendido. Saiba, meu caro André, que você foi muitíssimo feliz.

— Como assim?

— Sua Zélia respeitou o companheiro até o fim, e o segundo matrimônio em tais circunstâncias, não é de admirar. No meu caso, porém, a coisa foi muito pior.

E, dado meu justo espanto, o novo amigo continuou:

— Explico-me.

Meditou alguns instantes, como quem alinhava reminiscências e prosseguiu:

— Não pode você imaginar como foi intenso o sonho de amor do meu casamento. Logo após a aquisição do diploma profissional, aos vinte e cinco anos, espousei Rosalinda, exultante de ventura. Não levava à espôsa tão somente uma situação material confortadora e sólida, no terreno financeiro, mas também os meus tesouros de afeto e devotamento. Minha felicidade não tinha limites. Em pouco tempo, dois filhinhos enriqueceram-me o lar ditoso. Meu bem-estar era inexprimível. Em virtude das reservas bancárias, não me especializei na clínica, consagrando-me, todavia, apaixonadamente, ao laboratório. Atendendo aos meus pendores, não me foi difícil atrair a confiança de numerosos colegas e vários centros de estudos, multiplicando pesquisas e resultados brilhantes. E Rosalinda era a minha primeira e melhor colabo-

radadora. De quando em quando, notava-lhe o enfado no trato com os tubos de ensaio, mas minha espôsa sabia então calar as contrariedades pequeninas, a favor da nossa felicidade doméstica. Parecia compreender-me integralmente. Era, aos meus olhos, a mãe dedicada e companheira sem defeitos.

Contávamos dez anos de ventura conjugal, quando meu irmão Eleutério, advogado, solteiro, algo mais velho que eu, deliberou localizar-se junto de nós. Rosalinda foi inexecidível em atenções, considerando que se tratava de pessoa de minha família. Eleutério entrou em nossa casa como irmão. Embora residisse em hotel, compartilhava dos nossos serões caseiros, sempre bem pôsto e interessado em agradar.

Observei, desde então, que minha mulher se modificava pouco a pouco. Exigiu fôsse contratada uma auxiliar que a substituisse nos meus serviços, alegando que os nossos filhinhos não dispensavam assistência maternal, mais assídua. Anuí, satisfeito. Tratava-se, afinal, de providência interessante ao bem-estar de nossos filhos. Contudo, a transformação de Rosalinda assumiu caráter impressionante. Passou a não comparecer ao laboratório, onde tantas vezes nos abraçávamos, alegremente, ao vermos coroadas de êxito nossas pesquisas mais sérias. Preferia o cinema ou a estação de repouso, em companhia de Eleutério.

Isso me entristecia bastante, mas eu não poderia desconfiar da conduta de meu irmão. Fôra sempre criterioso, em família, não obstante ousado e filaeioso nas atividades profissionais.

Minha vida doméstica, antes tão feliz, passou a ser de solidão assaz amarga, que eu tentava iludir com o trabalho persistente e honesto.

Assim corriam as coisas, quando singular transformação me alterou a experiência. Pequena bolha na fossa nasal, que nunca me trouxera incômodos de qualquer natureza, depois de levemente ferida, tomou caráter de extrema gravidade. Em

poucas horas, declarou-se a septicemia. Reuniram-se colegas em verdadeira assembléia, junto de meu leito. Inúteis, todavia, todos os cuidados; anuladas as melhores expressões de assistência. Compreendi que o fim se aproximava, rápido. Rosalinda e Eleutério pareciam consternados e, até hoje, guardo a impressão de rever-lhes o olhar ansioso, no momento em que a neblina da morte me envolvia os olhos materiais.

Nessa altura, Vicente fez longo estacato, como a fixar reminiscências mais dolorosas, e continuou menos vivaz:

— Depois de algum tempo de tristes perturbações nas zonas inferiores, quando já me encontrava restabelecido, em “Nosso Lar”, certifiquei-me de tôda a verdade. Voltando ao lar terreno, encontrei a grande surpresa. Rosalinda havia desposado Eleutério em segundas núpcias.

— Como são idênticas as nossas histórias! — exclamei impressionado.

— Isso é que não — protestou a sorrir. E continuou:

— Outra surpresa me dilacerava o coração. Sômente ao regressar ao lar, soube que fôra vítima de odioso crime. Meu próprio irmão inspirou a trama sutil e perversa. Minha mulher e êle apaixonaram-se perdidamente um pelo outro e cederam a tentações inferiores. Não havia que recorrer a divórcio, e mesmo que a situação o facultasse, constituiria um escândalo o afastamento de Rosalinda para unir-se, publicamente, ao cunhado. Eleutério lembrou, porém, que possuíamos experiências de laboratório e sugeriu à Rosalinda a idéia de me aplicarem determinada cultura microbiana, que êle mesmo se incumbiria de obter, na primeira oportunidade. A pobre da companheira não vacilou, e, valendo-se do meu sono descuidado, introduziu na minúscula espinha nasal, algo ferida, o vírus destruidor.

E aí tem você o meu caso, naturalmente resumido.

Eu estava assombrado.

— E os criminosos? — perguntei.

Vicente sorriu ligeiramente e informou:

— Rosalinda e Eleutério vivem aparentemente felizes, são excelentes materialistas, por enquanto, e gozam, no mundo transitório, grande fortuna amoedada e alto conceito social.

— Mas... e a justiça? — indaguei, aterrado.

— Ora, André — esclareceu serenamente — tudo vem a seu tempo, tanto no bem como no mal. Primeiro a semente, depois os frutos.

Percebendo-me, porém, as tristes impressões, Vicente concluiu:

— Não falemos mais nisto. Aproxima-se a hora da instrução. Atendamos às nossas necessidades essenciais, auxiliando os nossos amados, que ainda permanecem a distância, nos círculos terrestres. Não se impressione. A árvore, para produzir, não reclama as folhas mortas. Para nós, atualmente, meu amigo, o mal é simples resultado da ignorância e nada mais.

V

OUVINDO INSTRUÇÕES

No grande salão, Aniceto esperava-nos, acolhedor.

Fileiras enormes de assistentes enchiam o espaço vastíssimo.

Homens e mulheres, aparentando idade diversas, permaneciam recolhidos, a demonstrar, porém, expectativa e interesse.

— Hoje — explicou o nosso orientador dirigindo-se a Vicente, de maneira particular — teremos a palavra de Telésforo, antigo lidador da Comunicação, que pediu a presença de todos os aprendizes do trabalho de intercâmbio entre nós e os irmãos encarnados.

Sentamo-nos, confortavelmente, aguardando, por nossa vez.

Daí a minutos, Telésforo penetrava no recinto, sob harmoniosas vibrações de simpatia geral.

Aniceto e outros instrutores instalaram-se ao lado dêle, em torno da mesa nobre, onde se localizava a direção da assembléia.

Após saudar a assistência numerosíssima, formulando votos de paz e incentivando-nos aos testemunhos redentores, Telésforo atingiu o assunto principal que o levava até ali.

— Agora — disse com autoridade sem affectação — conversaremos sobre as necessidades da representação de nossa colônia nos trabalhos terrestres. Aqui se encontram companheiros fracassados nas intenções mais nobres e irmãos outros desejosos de colaborar nas tarefas que condizem